

Interações

Revista do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade São Marcos
ISSN 1413-2907

Interações
Universidade São Marcos
interacoes@smarcos.br
ISSN (Versión impresa): 1413-2907
BRASIL

2001

Susana Inés Molón

A PSICOLOGIA SICOLOGIA SOCIAL ABRAPSIANA: APONTAMENTOS HISTÓRICOS

Interações, julho-dezembro, año/vol. VI, número 012

Universidade São Marcos

Sao Paulo, Brasil

pp. 41-68

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal



Universidad Autónoma del Estado de México

<http://redalyc.uaemex.mx>

A Psicologia Social abrapsoiana: apontamentos históricos

Resumo: Este trabalho enfoca a perspectiva da Psicologia Social desenvolvida junto à Associação Brasileira de Psicologia Social – Abrapso, explicitando as tendências predominantes, o confronto com outras perspectivas e algumas contribuições de colaboradores significativos. Com isso, pretende-se abordar os principais acontecimentos no desenrolar da Psicologia Social Abrapsiana, verificando tanto a apropriação dos paradigmas e correntes européias e americanas no Brasil, quanto a produção de enfoques teórico-metodológicos desenvolvidos por autores brasileiros. Nesse propósito, apóia-se principalmente nas edições da revista **Psicologia & Sociedade** e nos escritos de alguns autores que construíram a história da Psicologia Social no nosso país. Para tanto, sinaliza-se alguns aspectos importantes a partir da década de 30 e são enfatizados os principais acontecimentos que circunscreveram o contexto de criação da ABRAPSO na década de 80 e seu crescimento nos anos 90 do século XX.

Palavras-chave: Psicologia Social, História da Psicologia Social Abrapsiana, ABRAPSO, **Psicologia & Sociedade**, Autores Abrapsianos.

The Social Psychology at ABRAPSO: Historical Points

Abstract: The present work emphasises the perspective of Social Psychology developed at the Social Psychology Brazilian Association – Abrapso, showing the dominant tendencies, the divergences among other approaches and the contributions of significant co-operators. The main facts that happened during the process of the development of Social Psychology at Abrapso are reported to verify paradigms, tendencies, European and American currents that are taken in by Brazilian authors at their production of theoretical-methodological approaches. The principal sources of research are the editions of the journal **Psicologia & Sociedade** and the papers of authors that helped to build Social Psychology in our country. Thus, significant aspects from the third decade of the 20th century are identified with focus on the main events that designed the context of creation of Abrapso during the 80s and its development on the 90s.

Key-words: Social Psychology, History of Social Psychology at Abrapso, Abrapso, **Psicologia & Sociedade**, Authors at Abrapso.

**SUSANA INÊS
MOLON**

Doutora em Psicologia Social
PUC/SP
Professora da UFRGS

I N T E R A Ç Õ E S
Vol. 6 — N° 12 — pp. 41-68
JUL/DEZ 2001

O estudo da história da perspectiva da Psicologia Social Abrapsiana implica considerar a história da Psicologia Social na América Latina e, anteriormente, nos Estados Unidos e na Europa, em função de sua origem. Assim como, requer uma abordagem histórica das condições sociais, políticas, econômicas e culturais que propiciaram ou impediram a emergência de determinados enfoques teórico-metodológicos e de alguns pensadores no seu processo de consolidação.

Nesse sentido, os trabalhos sobre história e epistemologia da Psicologia Social realizados pelos autores Munné (1982), Montero (1996), Banchs (1997), González Rey (1997) e Farr (1998), que utilizam diferentes referenciais de análise e de reflexão, bem como, são pesquisadores que atuam na área e que contribuem de maneira intensa para o crescimento da Psicologia Social Abrapsiana, compõem os aportes deste estudo. Outro subsídio indispensável é o livro **Paradigmas em Psicologia Social: a perspectiva Latino-americana**, organizado por Regina Helena de Freitas Campos e Pedrinho A. Guareschi, publicado em 2000.

As primeiras experiências acadêmicas da psicologia social no Brasil

A atuação da Psicologia e da Psicologia Social no Brasil teve início bem antes de se apresentarem como disciplinas autônomas, portanto, anteriormente à regulamentação da profissão, que se deu através da Lei 4119, de 27 de agosto de 1962.

Da mesma maneira, os primeiros cursos de Psicologia, criados na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1953), na Universidade de São Paulo (1958) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1962), antecederam a regulamentação e a delimitação do currículo mínimo de Psicologia, ambas ocorridas em 1962.

De acordo com Bomfim (1991), a Psicologia Social iniciou sua construção na década de 30, com o primeiro curso de Psicologia Social

ministrado por Raul Briquet (1887-1953) na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Desse curso resultou o livro *Psicologia Social*, em 1935. Cabe salientar que se trata do segundo livro de autor brasileiro com tal título, o primeiro foi publicado em 1922 por Oliveira Viana. No ano de 1935, Artur Ramos de Araújo Pereira (1903-1949) ministra na Escola de Economia e Direito da Universidade do Distrito Federal, o curso de Psicologia Social e, em 1936, edita o seu livro *Introdução à Psicologia Social*.

Desse modo, Raul Briquet e Artur Ramos são os fundadores da Psicologia Social no Brasil e são os pioneiros da sua produção sistematizada vinculada à produção acadêmica. No entanto, como analisa Massimi (1984, 1987), a história das idéias psicológicas no Brasil podem ser observadas em obras do período colonial.

Em meados da década de 30 muitos estudos sobre a dinâmica dos grupos pequenos foram realizados, influenciados por Kurt Lewin. Porém, é na segunda metade da década de 40 que a Psicologia Social foi introduzida oficialmente no Brasil, surgindo como uma disciplina no curso de Filosofia da Universidade de São Paulo.

Conforme Bomfim (1989), o marco é a publicação de um livro do professor Otto Klineberg, da Universidade de Columbia (EUA); sua obra, *Psicologia Social*, é a primeira a ser traduzida para o português, em 1959, e foi considerada livro-texto para a disciplina que passou a ser ministrada pela professora Anita Castilho Cabral, a responsável pela vinda do professor Otto Klineberg.

Klineberg (1959, 1967) defendia que a Psicologia Social deveria estudar os seguintes temas: o comportamento social dos animais, linguagem, motivação, percepção, memória e Psicologia diferencial.

Muitos desses temas permanecem sendo os conceitos e os problemas de investigação na área, ainda neste início do século XXI, bem como uma questão realçada por Klineberg (1967, p. 18), a saber, “pode não ser inteiramente verdadeiro que ‘tôda Psicologia é Psicologia Social’, mas veremos que tal afirmativa contém pequeno exagero”.

Para Bomfim (1989), Otto Klineberg representava a tradição culturalista, pois acreditava na existência de desigualdades culturais e, ao mesmo tempo, defendia a existência de culturas superiores e inferiores. Dessa maneira, a autora salienta que no surgimento da Psicologia Social no Brasil já estava presente o viés de um conhecimento que busca o controle dos comportamentos, a adaptação às estruturas sociais e o fortalecimento das desigualdades culturais.

Na Universidade de São Paulo estava também representada a tradição lewiniana, devido à presença da Prof^ª. Dr^ª. Carolina Bori, que ministrava as disciplinas de psicologia experimental e personalidade, enfocando a teoria e os experimentos realizados por Kurt Lewin e seus colaboradores.

Paralelamente, a pesquisa psicológica era incentivada com a criação do Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no início da década de 50, sob a direção do Prof. Dr. Enzo Azzi, que trouxe da Itália um laboratório de psicofísica e que contou com a colaboração da Prof^ª. Dr^ª. Aniela Ginsberg, importante personagem na história desse Instituto de Psicologia, da Psicologia Social brasileira e do programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Aniela Ginsberg coordenava projetos de pesquisa sobre nacionalismo, personalidade e outros, em uma abordagem intercultural, envolvendo colaboradores de vários países da Europa, da América do Norte e da América Latina.

Segundo Bomfim (1989), na Universidade Federal de Minas Gerais os professores Pierre Weil, Célio Garcia e Rui Flores utilizaram as técnicas do T. Group (*Training Group*) com adaptações próprias e com influência da sócio-análise de Van Bockstale. Essa técnica foi denominada posteriormente, por Pierre Weil, de “Desenvolvimento das relações humanas”, tal como ficou conhecida no Brasil. Pierre Weil adotou o psicodrama de J. L. Moreno e publicou um livro intitulado *Psicodrama triádico*, junto com Anne A. Schutzenberger, na década de 70. Nesse livro, os autores fazem uma síntese das obras de Sigmund Freud, J. L. Moreno, Kurt Lewin e outros.

A década de 60 é marcada por atividades de dinâmica de grupo e psicodrama, de relações humanas e de pesquisas sobre o caráter nacional, que já vinham acontecendo a partir dos anos quarenta e cinquenta; assim como atividades em comunidades, em termos de educação popular, objetivando a conscientização da população.

Nesse momento, as atividades desenvolvidas em comunidades visam à educação popular conscientizadora, enfatizando a alfabetização de adultos como instrumento de conscientização. De acordo com Andery (1980, 1986), o termo Psicologia na comunidade passa a ser utilizado e uma série de trabalhos são realizados em diversos Estados, entre eles: São Paulo, Minas Gerais e Paraíba.

O golpe de 64, instaurando a ditadura militar, a repressão política, extinguindo todas as atividades político-associativas, conduziu alguns profissionais, professores e alunos dos cursos de Psicologia ao questionamento das práticas psicológicas e à busca de subsídios científicos para uma ação transformadora, especialmente em relação aos referenciais teórico-metodológicos da Sociologia, da Antropologia, da História, do Serviço Social e da Educação Popular, sobretudo os trabalhos de Paulo Freire.

A crise da Psicologia Social e a experiência comunitária

Segundo Lane (1986a), as primeiras sistematizações em termos da Psicologia Social iniciam orientadas por duas tendências predominantes: a tradição pragmática dos Estados Unidos, que pretendia alterar e/ou criar atitudes objetivando a harmonização das relações grupais e a produtividade grupal; portanto, era evidente a euforia causada por essa intervenção que minimizava conflitos e promovia aparentemente a felicidade em uma terra destruída pela II Guerra Mundial. A segunda tendência, a tradição filosófica européia, enraizada na fenomenologia, procurava modelos científicos totalizantes, em destaque Kurt Lewin e sua teoria de campo.

Assim, são essas duas tendências que chegam e são apropriadas no Brasil, sem grandes alterações, durante a década de 50 e nos primeiros anos da década de 60, ou seja, procurava-se basicamente fórmulas de ajustamento e adequação de comportamentos individuais ao contexto social. A tradição européia encontra ressonância na presença de Carolina Bori, tal como observado acima, e a tradição americana tem como seu expoente Aroldo Rodrigues.

Em 1972 surge o livro **Psicologia Social**, escrito por Aroldo Rodrigues, que foi um dos fundadores da Associação Latino Americana de Psicologia Social - Alapso, em 1973, e o principal representante da Psicologia Social fundamentada no positivismo e o grande opositor da Psicologia Social crítica.

Rodrigues (1979) estabelece, fundamentado no modelo americano, os temas científicos da área, entre eles, percepção social, dependência e interdependência, atração interpessoal, tendências à associação com outros, agressão, violência e altruísmo, formação e mudança de atitude, tomada de decisões, conformismo e excepcionalidade, processos grupais e relações internacionais.

Esses temas são desenvolvidos, conceituados e valorizados, experimentalmente, nos países do considerado primeiro mundo e, conseqüentemente, transportados e utilizados nos experimentos de pesquisa dos demais países, nos quais resta apenas aplicar e comprovar pesquisas já realizadas.

Essa tendência da Psicologia Social no Brasil efetiva a transposição e a importação de conhecimentos, principalmente dos Estados Unidos, para a realidade brasileira.

Porém, nem todos os pesquisadores e os profissionais da “psi” se submetem a esse modelo de ciência. Desenvolvem uma outra tendência da Psicologia Social que aborda fundamentalmente o tema da ideologia, articulando-se ao movimento dos trabalhadores de saúde mental e contrapondo-se à Psicologia positivista dominante, ou seja, contra o princípio da neutralidade científica.

Bomfim (1989) observa que quando a Psicologia Social começa a se instituir efetivamente no Brasil seu referencial teórico-ideológico-prático já havia se constituído e, o que é mais importante, já era vítima de sérias e contundentes críticas.

Conforme Lane (1986a), é na Europa, principalmente na França, especialmente com a tradição psicanalítica, e na Inglaterra, com Israel e Tajfel, onde emergem as críticas mais incisivas à Psicologia Social norte-americana, por meio da denúncia do seu caráter ideológico na garantia da manutenção das condições sociais, econômicas e políticas de qualquer sociedade.

Assim, a crítica evidenciava a Psicologia como uma ciência ideológica, reprodutora dos interesses da classe dominante e constatava que era um produto de condições históricas específicas. Com isso, invalidava a sua adoção e incorporação em contextos diferentes. Estava presente, então, a crítica ao positivismo, que buscava a objetividade e controlava e/ou ignorava a subjetividade.

Em 1971, Aniela Ginsberg cria o programa de Pós-graduação em Psicologia Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que seria o responsável pela continuidade da pesquisa universitária em Psicologia Social e pela formação de novos pesquisadores e de professores capacitados para atuar na realidade brasileira.

Aniela Ginsberg tinha uma preocupação muito forte com a pesquisa universitária e com a formação de pesquisadores, tanto que enfatizava como prioridade a atividade de pesquisa e estimulava a participação dos pesquisadores em congressos, pois os considerava um espaço privilegiado de atualização e de troca de experiências acadêmicas.

De acordo com Silvia T. M. Lane, que acompanhou o trabalho da Aniela Ginsberg, um colaborador importante neste processo de construção foi Karl Scheibe, que além de compartilhar a insatisfação com os resultados das pesquisas realizadas nos Estados Unidos, trilhou novos caminhos no estudo da identidade social, enfocando George Herbert Mead e relendo Erving Goffman a partir de uma postura crítica.

A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo representou um papel significativamente importante na crise da Psicologia Social, pois era um palco propício para o debate do cenário político e intelectual. A proposta do curso de graduação, especialmente do grupo orientado por Silvia T. M. Lane, era a vinculação da teoria e da prática no ensino por meio da apropriação das condições concretas do cotidiano. Desse modo, Silvia T. M. Lane coordenou um movimento de revisão crítica da Psicologia Social

De acordo com Lane (1995), a revisão crítica dos principais conceitos da Psicologia Social, tais como atitudes, percepção e motivação social, socialização etc., gerou a necessidade de buscar novos autores. Foram introduzidos nas leituras os artigos de 1969 de **La nouvelle critique**, de Pierre Poitou, Pierre Bruno, Michel Pêcheux e outros, com o título “Psicologia Social – uma utopia em crise”, e o prefácio de Serge Moscovici no livro organizado por ele, intitulado **Introduction de la Psychologie Sociale**.

Os autores Merani, da Venezuela, Lucien Sève, da França, Israel e Tajfel, da Inglaterra, assim como, George Politzer, George Herbert Mead, Alexis Leontiev e Lev S. Vygotsky contribuíram para o aprofundamento da reflexão e sinalizaram perspectivas de estudo. Além desses, Lewin, Bleger, Goffmann, Malrieu e Sarbin.

No entanto, Lane (1986b) ressalta que a produção de análises críticas sob uma ótica marxista, simultaneamente ao lado de pesquisas tradicionais, aconteceu na França, no Laboratório de Psicologia Social de Paris VII, principalmente na década de 70, em que diversos autores, tais como Bruno, Poitou, Pêcheux, Pagès, comprometidos com uma atuação partidária no Partido Comunista, promoveram um dogmatismo partidário que gerou a crítica em que, apesar das grandes reflexões teóricas, a prática ficou quase que inalterada.

Nesse contexto, é significativa a contribuição de George Politzer, para a construção de uma Psicologia concreta, e de Lucien Sève, para a discussão filosófica do conceito de personalidade em bases marxistas.

O grande desafio passou a ser o método de ensino e de pesquisa. Daí o movimento de busca de novas metodologias de pesquisa na Antropologia, especialmente, tais como: os estudos de caso, histórias de vida, observação e pesquisa participante para os trabalhos em comunidades; e de ensino para uma relação indissociável entre a teoria e prática.

Nessa década, segundo Lane (1996), Lane e Sawaia (1991b) e Freitas (1996), foram desenvolvidas diversas experiências em Psicologia na comunidade nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Ceará e Paraíba. Destacam-se os trabalhos em comunidade como, por exemplo, o projeto desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo pelos professores Alberto Abib Andery e Silvia T. M. Lane junto a uma equipe interdisciplinar com alunos de graduação em Osasco. Além disso, são criados os primeiros cursos de Psicologia Comunitária, articulados com projetos de pesquisas voltados para a realidade social específica, engajados em uma prática comprometida e na sistematização do saber.

Conforme Bomfim (1989), o curso de Psicologia Comunitária e Ecologia Humana surge, em Belo Horizonte/MG, em 1974, aliando a questão comunitária à ecológica. Porém, na grande maioria dos cursos de Psicologia, a Psicologia Comunitária, quando presente, é na forma de disciplina optativa ou está relacionada com atividades de extensão ou estágio supervisionado do curso.

Essas diversas experiências realizadas no Brasil e a situação de crise da Psicologia Social encontraram polifonia e sustentação no Congresso da Sociedade Interamericana de Psicologia, em Miami, em 1976, que se caracterizou pela ênfase na crítica teórica e metodológica. Porém, não houve a elaboração de propostas para a superação de tal situação, diferentemente do congresso seguinte, em Lima, em 1979, quando as críticas foram mais incisivas e surgiram as propostas concretas de sistematização, objetivando uma redefinição da Psicologia Social.

“En 1978 y 1979 proponíamos la necesidad de hacer una psicología social histórica, aspecto que Lane et al. (1983) defienden con argumentos provenientes en algunos casos de la teoría marxiana.” (Montero, 1994, p. 32)

Nesse sentido, podemos dizer que na América Latina, terceiro mundo marcado por ditaduras militares, dependente econômica, intelectual e culturalmente dos Estados Unidos, a Psicologia Social não era diferente da brasileira. Esses congressos interamericanos tornaram-se um fórum privilegiado para os encontros dos psicólogos sociais latino-americanos e brasileiros.

A proposta era a criação de associações nacionais, a exemplo da Associação Venezuelana de Psicologia Social – Avepso, em função do questionamento da representatividade da Alapso, pois a preocupação era a de produzir um saber psicossocial voltado para as problemáticas da realidade específica de cada país, bem como o maior intercâmbio entre os países.

Nesse congresso, em um simpósio sobre “O ensino e a pesquisa em Psicologia Social na América Latina”, que contou com a participação de Carmem Mier y Teran, do México, Gladys Montecino, do Peru, Alberto A. Andery e Silvia T. M. Lane, do Brasil, foi evidenciada a coincidência dos problemas enfrentados e o desafio comum na busca de uma Psicologia Social que efetivamente contribuísse para uma ação transformadora em cada país.

Além disso, foi formado um núcleo de pesquisadores de Psicologia Comunitária visando a intervenção não assistencialista e atuando no desenvolvimento da consciência e da autonomia de grupos marginalizados social e economicamente.

Na mesma época, acontece no Brasil o “I Encontro Brasileiro de Psicologia Social”, coordenado pela Silvia T. M. Lane. O encontro foi realizado em um seminário sobre o tema “Psicologia Social e problemas urbanos”, entre os dias 29 e 31 de outubro de 1979, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, promovido pela Alapso, com o auxílio financeiro do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e caracterizou-se pela interdisciplinaridade.

Contou com a presença de cerca de 100 participantes, entre eles, sociólogos, antropólogos, educadores e psicólogos, que foram distribuídos em três mesas-redondas, que versaram sobre os seguintes temas:

mesa-redonda I – As relações sociais no meio urbano: Sylvia Leser Mello, Maria do Carmo Guedes, Luis Eduardo Wanderley, Bronia Liebesny e Elizabeth F. Lenza; mesa-redonda II – As representações ideológicas da cidade: Eclea Bosi, Antonio Augusto Arantes, Claudio Martins e Otávio Ianni. A terceira mesa, sobre problemas de educação e saúde nos meios urbanos: com Dermeval Saviani, Guiomar Nano de Mello, Suely Rolnik e Alberto Abib Andery.

Essas atividades de mesas-redondas aconteceram no período da manhã, enquanto que na parte da tarde foram organizados grupos de trabalho coordenados por um pesquisador convidado para debater as seguintes temáticas: relações sociais e trabalho; abordagens psicossociais de saúde mental; educação: um processo psicossocial; condições sociais de moradia e habitação popular; o grupo familiar e a socialização da criança; participação na comunidade; linguagem: comunicação e representações sociais; instituições e marginalização; problemas da vida urbana; e a mulher na sociedade brasileira.

Esse seminário é extremamente significativo na história da Psicologia Social no Brasil, pois proporcionou um espaço fecundo para as reflexões e debates, tanto nas mesas-redondas quanto nos grupos de trabalho, propiciando uma oportunidade de intercâmbio de experiências e uma surpreendente concordância em relação à postura crítica quanto ao papel da ciência.

Cabe ressaltar que os principais aspectos observados, unanimemente pelos expositores das diferentes áreas de conhecimento foram a necessidade de se considerar as questões psicológicas do homem em relação às problemáticas do contexto socioeconômico, enfatizando os aspectos históricos e ideológicos; a constatação da dicotomia entre teoria e prática, impossibilitando a ação transformadora do cientista social na comunidade; e as precariedades da metodologia positivista, que limita o pesquisador a regras rígidas e esquemas simplificados na abordagem de fenômenos complexos.

O I Encontro Brasileiro de Psicologia Social, além de ser considerado enriquecedor pela maioria de seus participantes, promoveu reuni-

ões ao final da tarde dos três dias, possibilitando o debate a respeito da criação da Associação Brasileira de Psicologia Social.

Portanto, a Abrapso foi concebida nesse encontro em função da necessidade de se repensar criticamente a Psicologia Social, voltada para os problemas centrais do homem brasileiro e, conseqüentemente, tornou-se prioritário um maior intercâmbio de experiências, estudos e pesquisas relacionados aos mesmos.

Ainda nesse encontro, foi eleita uma Comissão Provisória Pró-formação da Abrapso que, entre outras atividades, organizou uma mesa-redonda sobre o tema “Psicologia Social como ação transformadora”, coordenada pela Silvia M. T. Lane, para a 32ª. Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, que iria acontecer no ano seguinte, com a temática central sobre “Ciência e Educação para uma sociedade democrática”.

A criação da ABRAPSO

A fundação da Associação Brasileira de Psicologia Social – Abrapso se deu no dia 10 de julho de 1980 (conforme consta nos Anais do I Encontro Brasileiro de Psicologia Social, 1980, p. 90-93), na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, como parte das atividades oficialmente registradas na 32ª. Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, constando em Ata a sua fundação.

A diretoria provisória da Associação foi composta com os seguintes membros: Marília de Andrade, Silvia T. M. Lane, Roberto Malufe, Bronia Liebesny e Wanderley Codo.

A mesa-redonda sobre o tema “A Psicologia Social como ação transformadora” coordenada por Sílvia T. M. Lane, da PUC/SP, contou com a presença de J.J.C. Sampaio, do Instituto de Psiquiatria do Ceará e da Universidade de Fortaleza, Genaro Ieno Neto, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Maria Lúcia Violante, da PUC/SP.

Silvia T. M. Lane abordou a prática científica da Psicologia Social, tarefa que realizou de maneira crítica, enfatizando que as investigações dessa área só apontavam para o indivíduo ajustado à sociedade ou para adequar melhor os indivíduos ou, no máximo, para influenciar ou mudar atitudes e alguns valores superficiais dos indivíduos, mas sempre concebendo a realidade como algo estático e eterno, e o indivíduo passivo.

Diante desse quadro, a primeira presidente da Abrapso, Silvia T. M. Lane, sintetizou questões pertinentes à Psicologia Social do início da década de 80 e que continuam atuais no início do novo milênio, dentre as suas interrogações, destacam-se:

“... em que condições o homem poderia ser sujeito da história? Será que a Psicologia Social não estaria se atendo a ‘objetos’ aparentes, dissimuladores de uma realidade concreta? Quais os comportamentos sociais fundamentais para se compreender o indivíduo como agente histórico? Qual o elo fundamental entre o indivíduo e a sociedade a que ele pertence? Por que o psicólogo social não estudava profundamente a questão da linguagem? Seria o homem um simples produto social? E a sua individualidade, a sua personalidade? Linguagem, grupos, história: a individual e a social, são os aspectos fundamentais a serem estudados e investigados, mas como? De onde partir? Que situações são relevantes para serem estudadas?” (Lane, 1980, p. 68-70)

A criação da Abrapso é um marco decisivo na orientação da Psicologia Social brasileira em direção à problemática da nossa realidade sócio-econômico-político-cultural. Cabe destacar, também, a importância fundamental de Silvia T. M. Lane, que ficou na presidência nacional até 1983, mas que a sua contribuição é permanente.

A primeira publicação da Abrapso ocorre em 1980, são os Anais do I Encontro Brasileiro de Psicologia Social, que foi o Seminário sobre “Psicologia Social e problemas urbanos”, que contem, também, as apresentações realizadas na mesa-redonda: “A Psicologia Social como ação transformadora”, realizada na SBPC, além da ata da reunião para a fundação da Associação.

Os Anais do I Encontro Regional de Psicologia na Comunidade, realizado em setembro de 1981, em São Paulo, são a segunda publica-

ção da Abrapso, que apresenta alguns textos da mesa-redonda “A Psicologia na comunidade no Brasil, nos países Latino-Americanos, nos EUA e na Europa”, composta por Sílvia T. M. Lane, Alberto Abib Andery e Peter Spink. Essa edição transcreve o debate com o público sobre o tema abordado nesse evento, além das comunicações efetuadas e episódios ocorridos durante o encontro.

A Psicologia Social na década de 80: perspectivas e confrontos

Em 1981, Sílvia T. M. Lane publica o seu livro **O que é Psicologia Social**, abordando diversas questões com um enfoque diferente do tradicional, propondo uma nova relação entre Psicologia e Psicologia Social; enfocando a importância dos outros, da identidade social, da consciência e da linguagem. Aborda também questões sobre família, escola, trabalho, classe social, comunidade e alguns aspectos da Psicologia Social no Brasil.

No decurso de três anos, a acumulação e sistematização do conhecimento e a elaboração teórico-metodológica estavam mais alicerçadas, possibilitando a exposição de uma proposta para a Psicologia Social fundamentada em uma nova concepção do homem, orientada pelo materialismo histórico e pela dialética marxista. Em 1984 acontece a publicação do livro **Psicologia Social: o homem em movimento**, que permanece sendo referencial utilizado até hoje.

“En nuestro continente contamos con algunas aportaciones aisladas que enfocan la psicología social desde una perspectiva marxista no ortodoxa y con los desarrollos más – continuados de la escuela de São Paulo.” (Banchs, 1987, p. 226)

Essa perspectiva apresenta como categorias fundamentais da Psicologia Social a consciência, a atividade e a identidade, assim como uma nova abordagem da relação entre o indivíduo e as instituições, na compreensão do processo grupal, na reflexão sobre família, emoção e ideologia, a respeito do processo de socialização na escola e sobre as relações de trabalho e transformação social.

Considerando que a questão da práxis do psicólogo é fundamental, enfatiza-se sua atuação em vários contextos, quais sejam, na educação, na clínica, na organização industrial e na comunidade.

Para essa proposta as questões teórico-metodológicas são centrais, conseqüentemente, as implicações epistemológicas e os desafios metodológicos são encarados; assim como é reiterada a necessidade de categorias analíticas para recuperar o processo de desenvolvimento dos fenômenos psicossociais e, simultaneamente, para superar as abordagens descritivas de um objeto isolado.

Nas categorias são enfocadas as problemáticas relacionadas à alienação e à ideologia, sendo consideradas como mediações fundamentais a linguagem e o pensamento, bem como é ressaltado o conceito de representações sociais.

Dessa maneira, a relação indivíduo/sociedade é mediada pelo processo grupal e institucional. O enfrentamento dessas questões possibilitaram novas atuações para o psicólogo, as quais fortaleceram essa proposta, já que teoria e prática são indissociáveis.

Desse modo, uma nova Psicologia Social ganha força e, conseqüentemente, as polêmicas são acirradas, permitindo a definição de duas posições bem diferentes no que diz respeito à natureza, objeto e atuação da Psicologia Social no Brasil.

Tal debate é explicitado na **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, em uma matéria sobre o tema “A tecnologia social na psicologia: controvérsias”, onde três estudiosos apresentaram suas opiniões, são eles: Aroldo Rodrigues, Silvia T. M. Lane e Wanderley Codo.

Para Rodrigues (1985), que se identifica com a linha cognitivista, “embora muitas pessoas no Brasil me chamem de ‘behaviorista’”(p. 18), a Psicologia Social é uma ciência básica e neutra, a ela cabe descobrir as relações estáveis entre variáveis psicossociais a fim de possibilitar ao tecnólogo social a solução dos problemas sociais de forma consciente e não improvisada.

Para Lane, no entanto (1985), toda a Psicologia é social e o fundamental é rever a sua prática, pois teoria e prática têm de vir juntas. Além disso, é necessário resgatar a subjetividade e, mais, deixar de ver o indivíduo como produto de si mesmo, uma vez que ele é um produto histórico e, ao mesmo tempo, agente do meio.

Mais incisiva é a crítica de Codo (1985), cuja posição se assemelha à de Lane, que questiona a proposta da tecnologia social como uma nova abordagem em Psicologia Social, capaz de resolver problemas sociais com um aparato tecnológico, pois:

“... estamos diante de um duplo engodo: nem a realidade social cabe no receituário do tecnólogo e muito menos as soluções encontradas são capazes de resolver qualquer coisa, (...) uma tecnologia social sem dúvida voltada a encobrir os problemas sociais e a serviço dos meios de produção.” (Codo, 1985, p. 21)

Esse debate manifesta explicitamente o confronto, no Brasil, entre essas duas concepções de Psicologia Social e traduz o entendimento sobre a função social da ciência e a questão da neutralidade na produção de conhecimento.

Ozella (1996) analisa os cursos de Psicologia e os programas de Psicologia Social, enfocando as obras e os autores utilizados nos mesmos. Assim, verifica a formação de dois grupos distintos: um de autores vinculados ao cognitivismo e outro de autores comprometidos com o materialismo histórico.

Observa que no primeiro grupo estão os autores filiados ao positivismo, entre eles: A. Rodrigues, H. Krüger, S. Asch, J.L. Freedman, D. Krech e Lambert. No segundo grupo, destacam-se os autores S.T.M. Lane, A. C. Ciampa, B.P. Pariguin, M. Chauí, A. Heller e A. Leontiev, que compartilham uma concepção de homem enquanto um ser social e historicamente construído.

Entretanto, Ozella (1996) faz uma comparação entre os dados de 1983 e de 1993 e a frequência em que as obras foram citadas, constatando uma inversão na direção do materialismo.

“Se se tomar como referência apenas os autores dos dois grupos acima (e as obras citadas pelos programas) nota-se uma freqüência em 1983 de 175 citações dentro do cognitivismo e apenas 38 dentro do materialismo histórico. Em 1993 acontece uma distribuição diferente - cognitivismo 101 e materialismo histórico 150 citações. Uma diferença de mais de 300% em favor do cognitivismo se transformou em uma diferença pró materialismo de quase 50%.” (Ozella, 1996, p. 135)

No processo de consolidação de uma Psicologia Social crítica sustentado pela indissociabilidade entre teoria e prática e fundamentado no materialismo histórico, a função social da ciência e o compromisso político são características *sine qua non*, uma vez que:

“... toda atividade é política. Inclusive a ciência, principalmente as humanas. Neste sentido a Psicologia, estudando o comportamento humano, tem contribuições essenciais para a compreensão e intervenção política numa sociedade.” (Lane & Sawaia, 1988, p. 5)

As experiências em Psicologia Comunitária desempenharam um papel importantíssimo nesse processo, assim como as contribuições dos pesquisadores latino-americanos, dentre eles Wiesenfeld e Sánchez (1996). De acordo com Lane (1995), destacam-se: os trabalhos em Psicologia Social Comunitária de Elisa Jimenez, Euclides Sánchez, Esther Wiesenfeld, Karen Cronik da Ludeña, em Caracas; os trabalhos em Psicologia Política de Maritza Montero, da Venezuela, e Ignacio Martín-Baró, de El Salvador.

Outros colaboradores importantes nesse processo são, segundo Lane (1995), José Miguel Salazar e Horacio Riquelme U., que pesquisam identidade latino-americana, além dos interlocutores: Mário Golder, da Argentina, Fernando González Rey, de Cuba, e Denise Jodelet, da França.

Em São Paulo, as contribuições de Bader Burihan Sawaia (1987, e Lane & Sawaia 1988) permitiram a sistematização da pesquisa participante e da intervenção social orientada pelo compromisso político, que possibilitou a emergência das emoções e, fundamentalmente, a necessidade do estudo sobre a afetividade; bem como, de Antonio da Costa Ciampa, que publica, em 1986, seu livro **A estória do Severino e a**

história da Severina: um ensaio de Psicologia Social, marcando definitivamente uma proposta para o estudo da identidade, que vinha sendo investigada a alguns anos por um grupo de pesquisa.

Em Belo Horizonte/MG destacam-se as contribuições de Elizabeth de Melo Bomfim e Marília Novais da Mata Machado, retratadas no livro publicado por elas em 1987, **Em torno da Psicologia Social**.

Os encontros nacionais de Psicologia Social e a revista da ABRAPSO, Psicologia & sociedade, de 1985-1989.

O I Encontro Nacional de Psicologia Social da Abrapso ocorreu na Universidade Estadual de Maringá, no Paraná, em 1985, e ficou conhecido como o Encontro de Maringá, contando com a presença de representantes das cidades de Curitiba, Londrina, Florianópolis e São Paulo. Na apresentação do encontro, Angela Caniato, Presidente Nacional da Abrapso de 1983 a 1986, destacou a importância da discussão sobre a Psicologia Social, ensinada, aprendida e praticada.

Em janeiro de 1986, o boletim da Abrapso se transformou em revista e desde então a Associação conta com duas publicações, o boletim, com caráter mais informativo, e a revista semestral, dedicada a artigos originais e publicações das conferências realizadas em encontros da Associação e nas reuniões da SBPC. Desde 1980, a Abrapso participa nas reuniões anuais da SBPC com várias atividades: cursos, mesas-redondas e simpósios.

Os encontros nacionais da Abrapso ocorreram da seguinte maneira: em 1985 na UEM - Maringá/PR; em 1986 na UFMG - Belo Horizonte/MG; em 1987 na USP/SP; em 1988 na UFES - Vitória/ES; em 1989 na UFPB - João Pessoa.

As temáticas enfocadas na data comemorativa aos 10 anos do movimento de criação da Abrapso dizem respeito às questões históricas, teó-

ricas e metodológicas da Psicologia Social, bem como às suas experiências e práticas, além de trabalhos, comunicações e resenhas do IV Encontro Mineiro de Psicologia Social e outros.

Nesse momento, manifesta-se o esboço de algumas tendências da Psicologia Social da Abrapso no Brasil.

Lane (1988/89) retrata o processo histórico de desenvolvimento da Psicologia Social na PUC/SP, orientado pelo materialismo histórico e método dialético através das contribuições de vários autores, em especial da Psicologia russa, por meio de Leontiev e Vygotsky.

Mata Machado (1988/89) faz o mesmo com relação a Belo Horizonte, enfatizando a teoria de intervenção psicossociológica em favelas, seguindo as proposições de Dubost e Castells, entre outros. Campos (1988/89) resgata a história da Psicologia da Educação, ressaltando as contribuições de Helena Antipoff no ensino mineiro, e, ainda, Deslandes (1988/89) comenta sobre a Psicologia Social em Minas Gerais, por meio de questões da história e da atualidade, visualizando dois grupos: um grupo representado por Célio Garcia, que objetiva a profissionalização de psicossociólogos e o outro grupo identificado com o trabalho de Elizabeth de Melo Bomfim, presidente nacional da Abrapso de 1987 a 1989, que busca a teorização de sua práxis.

Khoury Carvalho (1988/89), da Universidade Federal do Pará, realiza uma reflexão sobre marxismo e Psicologia alicerçada em Marx, especialmente nas contribuições da dialética materialista e do materialismo histórico, das teorias econômicas e da luta de classes, buscando em uma psicóloga cubana, Ângela Casañas, os princípios psicológicos considerados fundamentais para compreender tanto o indivíduo quanto o grupo, quais sejam, o princípio do determinismo, da unidade da consciência e da atividade e do desenvolvimento do psiquismo.

Nader (1988/89), da Universidade Federal da Paraíba, efetua uma reflexão epistemológica da Psicologia Social realizada em João Pessoa/PB junto aos movimentos sociais e populares, orientada por três indicadores, a saber, a opção de classe, a relação teoria-prática e a prática profissional enquanto prática de produção de conhecimento.

Dentro disso, percebe-se uma certa predominância, na PUC/SP, e nas Universidades Federais do Pará e da Paraíba, da perspectiva marxista por meio do materialismo histórico e da lógica dialética na compreensão e análise dos fenômenos psicossociais. Porém, somente na PUC/SP essa perspectiva cria raízes e permanece contribuindo, sendo constantemente atualizada.

Entretanto, a perspectiva marxista não é unânime nem exclusiva às contribuições de Marx e de Engels, pois tanto a Psicologia Social, nesse enfoque, quanto a Abrapso, caracterizam-se por abrigar a diversidade e a multiplicidade de abordagens teórico-metodológicas, visando o conhecimento do homem histórico e social em uma postura crítica.

Bomfim (1989/90) apresenta uma avaliação da revista *Psicologia & Sociedade*, dos números 3 a 7, período em que estava envolvida na sua edição. De acordo com sua análise, os temas que têm merecido o maior número de publicações são: Psicologia e comunidade (Psicologia Comunitária); movimentos sociais; aspectos históricos e teóricos; e, saúde mental/saúde pública. Esses principais temas são seguidos por: identidade, educação, grupos, análise institucional, representação social, comunicação, metodologia e trabalho. Além de outros, como Psicologia e Arte, utopia e esquizoanálise, etc.

“As principais temáticas tratadas apontam para a existência de uma perspectiva histórico - dialética (para alguns autores, uma perspectiva materialista - histórica), de uma preocupação com os problemas sociais (comunidade, movimentos e saúde) e um caráter de intervenção prática.” (Bomfim, 1989/90, p. 221)

Cabe ressaltar que as publicações são frutos, em grande parte, dos encontros nacionais e regionais, preponderantemente dos encontros mineiros, fato que, porém, não traduz toda a produção teórico-metodológica em termos de Psicologia Social dos associados da Abrapso, mas é significativo no sentido de retratar algumas tendências.

A diversidade de a pluralidade de conhecimentos em Psicologia Social abrapiana na década de 90

A década de 90 se caracteriza fundamentalmente pela diversidade de temas e pela pluralidade e diferenciação de enfoques teórico-metodológicos. Dentro disso, ocorre a proliferação dos encontros nacionais e regionais, a intensificação das publicações, as quais oportunizam o surgimento de novas veredas e novos horizontes, e, simultaneamente, constituem novos modos e espaços de atuação e pesquisa em Psicologia Social norteados por pressupostos epistemológicos, ontológicos e metodológicos semelhantes, orientados pela preocupação ética, ou seja, comprometidos social e politicamente com as transformações da sociedade e com uma vida mais digna para a maioria da população brasileira.

A revista *Psicologia & Sociedade*, criada em 1986, publicou 10 exemplares até 1992, quando teve sua publicação interrompida, sendo retomada somente em 1996, com periodicidade semestral, sob a responsabilidade de uma secretaria editorial subordinada à diretoria nacional da Abrapso. De 1996 a 1999 a revista teve 7 edições. Em cada edição, consistia da pauta a entrevista com uma personalidade nacional ou internacional importante na área, a saber, Silvia T. M. Lane, Karl E. Scheibe, Frederic Munné, Maritza Montero, Regina Helena de Freitas Campos, Kenneth Gergen e Leny Sato.

No período em que não houve a publicação da revista **Psicologia & Sociedade**, os encontros nacionais e regionais continuaram e seus trabalhos apresentados foram publicados em anais ou caderno de resumos.

Os encontros nacionais na década de 90 aconteceram distribuídos da seguinte maneira: em 1991, VI Encontro na UERJ, no Rio de Janeiro, com o tema Psicologia e sociedade: controvérsias teóricas e metodológicas; em 1993, VII Encontro, na Univali, em Itajaí/SC, com a temática Psicologia Social e cidadania; em 1995, VIII Encontro, na UFC, em Fortaleza/CE, com o tema Abrapso 15 anos: perspectivas; em 1997, IX Encontro, na UFMG, em Belo Horizonte/MG, intitu-

lado Psicologia Social: horizontes contemporâneos; em 1999, na USP, em São Paulo, que elegeu o tema A Psicologia Social e o contexto Latino-americano.

Na década de 90, a Abrapso teve sua sede da Diretoria Nacional e seus respectivos presidentes nos seguinte Estados: no Espírito Santo, de 1989 a 1991, Maria de Fátima Quintal de Freitas; no Rio de Janeiro, de 1991 a 1993, Marise Bezerra Jurberg; em Santa Catarina/Itajaí, de 1993 a 1995, Andréa V. Zanella; no Ceará/Fortaleza, de 1995 a 1997, Zulmira Áurea Cruz Bomfim; no Rio de Janeiro, de 1997 a 1999, Elizabeth de Melo Bomfim; Salvador Sandoval e Tânia Maciel; e em São Paulo, de 1999 a 2001, Cecília Pescatore Alves.

Durante o IX Encontro Nacional de Psicologia Social aconteceu o “Colóquio Internacional: Paradigmas da Psicologia Social para a América Latina”, assim como o X Encontro Mineiro de Psicologia Social.

Esse encontro se caracterizou pela diversidade de temas e grande número de trabalhos apresentados em diversas modalidades, entre elas, 8 conferências, 17 mesas-redondas, 9 miniconferências, 21 grupos diferentes para apresentações de inúmeras comunicações orais, 2 grupos de trabalho: um sobre teoria, pesquisa e aplicação das representações sociais no Brasil e o outro sobre o masculino em debate: reflexões conceituais, temáticas e metodológicas, e várias sessões de pôsteres.

O Colóquio Internacional contou com a participação de vários pesquisadores, distribuídos em três momentos. Regina Helena Campos (UFMG) apresentou o colóquio que teve como expositores, no primeiro momento, Silvia T. M. Lane (PUC/SP), Maria Inácia d’Ávila (UFRJ) e Maritza Montero (Universidade da Venezuela) e como debatedores, Celso Sá (UERJ), Mitsuko Antunes (PUC/SP) e Antonio Ciampa (PUC/SP).

No segundo momento, os expositores foram Robert Farr (London School of Economics and Political Science), Marina Massimi (USP/Ribeirão Preto) e Tânia Maciel (EICOS-UFRJ), e os debatedores foram Bader Burihan Sawaia (PUC/SP), Miguel Mahfoud (UFMG) e Mário Golder (Universidade de Buenos Aires).

No terceiro momento, Salvador Sandoval (PUC/SP), Elizabeth Melo Bomfim (UFMG) e Pedrinho Guareschi (PUC/RS) foram os expositores, e as debatedoras: Denise Jodelet (École des Hautes Études en Sciences Sociales, de Paris/França), Maria de Fátima Freitas (UFES) e Marise Jurberg (UGF/RJ).

Desse modo, participaram do colóquio importantes personalidades internacionais, tais como: Robert Farr e Denise Jodelet, dois representantes da Psicologia Social na Europa contemporânea; Maritza Montero, especialista em Psicologia Social, da Venezuela; Mário Golder, representando a perspectiva sócio-histórica, da Argentina; além de importantes representantes da Psicologia Social vinculados aos principais programas de Pós-graduação no Brasil.

Em 1999, acontece o X Encontro Nacional de Psicologia Social da Abrapso. Esse encontro supera todas as expectativas, tanto em relação ao número de trabalhos científicos encaminhados e apresentados, cerca de 850, quanto em relação ao número de participantes, aproximadamente 1300. Na cerimônia de abertura, Salvador Sandoval comenta que esse é o maior encontro científico dos últimos três anos.

Durante esse encontro ocorrem os seguintes eventos: Encontro Extraordinário da Regional São Paulo da Abrapso – “I Entrega do Prêmio ‘Ignacio Martín-Baró’ para monografias de iniciação científica em Psicologia Social”; II Encontro de Professores de Psicologia Social - “O ensino da Psicologia Social, estado da arte”; e o I Encontro Brasileiro de Psicologia Ambiental.

Os temas eleitos para o X Encontro são: História da Psicologia Social; Psicologia Ambiental; Epistemologia, Filosofia, Ética e Psicologia Social; Psicologia Social - práticas e políticas públicas; inter-relações entre Psicologia Social e Política; e fronteiras da Psicologia Social.

Pode-se dizer que nesse encontro, coroado de êxitos, a Psicologia Social da Abrapso atinge o reconhecimento científico nacional e internacionalmente, com uma identidade de diversos, expressão apropriada que Bader Burihan Sawaia, presidente da Comissão Científica, utili-

zou para se referir aos psicólogos sociais abrapasianos durante a mesa de abertura do encontro.

Paralelamente aos encontros nacionais ocorreram os encontros regionais. Nos regionais, destacam-se: os encontros mineiros de Psicologia Social – em 1998 ocorreu o XI Encontro Mineiro; os encontros da regional São Paulo – em 1999 aconteceu o VIII da regional São Paulo; e os encontros da regional Sul – em 1999 a regional Sul promoveu o seu VII Encontro. Portanto, Minas Gerais, São Paulo e o Sul realizam freqüentemente encontros regionais. A regional Espírito Santo promoveu o seu II Encontro em 1999, e o II Encontro Cearense de Psicologia Social ocorreu em 1997.

Dos encontros regionais emergiram algumas publicações, tais como os livros: **Compromisso social da Psicologia**, em 2001, organizado por Angela Caniato e Eduardo A. Tomanik; editado pela Abrapso-sul; **Psicologia Social: horizontes contemporâneos**, em 1999, organizado por Elizabeth de Melo Bomfim, editado pela Abrapso; **Cidadania e participação social**, em 1999, organizado por Andréa F. Silveira, Catarina Gewechs, Luiz F. R. Bonin e Yara L. M. Bulgacov; **Horizontes psicossociais**, em 1997, organizado por Elizabeth de Melo Bomfim, editado pela Abrapso – Regional Minas; **Psicologia e práticas sociais**, em 1997, organizadoras: Andréa V. Zanella, Maria Juracy T. Siqueira, Louise A. Lhullier e Susana I. Molon, editado pela Abrapso-sul; **Relações sociais e ética**, em 1995, organizadores: Maria da Graça Jacques, Maria Lúcia Nunes, Nara Bernardes e Pedrinho A. Guareschi, editado pela Abrapso-sul; **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar**, em 1994, organizado por Mary Jane Paris Spink, editado pela Cortez.

Além desses livros, dos anais e dos cadernos de resumos dos encontros nacionais e regionais, outras publicações de pesquisadores diretamente ligados à Abrapso proliferaram, entre elas, os livros:

- Em 2000: **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**, organizado por Mary Jane Paris Spink.

- Em 1999: **Os jardins da Psicologia Comunitária**, organizado por Israel Brandão e Zulmira Bomfim; e **Estudos em história da Psicologia**, organizado por Maria do Carmo Guedes e Regina Helena de Freitas Campos.
- Em 1997, **Estudos sobre comportamento político: teoria e pesquisa**, organizado por Leôncio Camino, Louise Lhullier e Salvador Sandoval.
- Em 1995, **Novas veredas da Psicologia Social**, organizado por Sílvia T. M. Lane e Bader Burihan Sawaia.
- Em 1993, **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social**, organizado por Mary Jane Paris Spink.

Recentemente, foi lançada a coleção Psicologia Social, cujos coordenadores são Pedrinho A. Guareschi e Sandra Jovchelovitch. As obras dessa coleção são: **Psicologia Social contemporânea** (livro-texto), de vários autores; **As raízes da Psicologia Social moderna**, de Robert M. Farr; **Representando a alteridade**, organizado por Angela Arruda; **Novos paradigmas em Psicologia Social**, de vários autores; **Gênero, subjetividade e trabalho**, de Tânia Galli Fonseca; **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**, organizado por Regina Helena de Freitas Campos; **Textos em representações sociais**, de Pedrinho A. Guareschi e Sandra Jovchelovitch; **Representação social do espaço público no Brasil**, de Sandra Jovchelovitch; **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**, organizado por Bader Burihan Sawaia; e **Arqueologia das emoções**, organizado por Sílvia T. M. Lane e Yara Araújo.

A Psicologia Social Abrapsiana apresenta um acúmulo significativo em relação à sua produção científica, isto é, está constituída enquanto um campo de construção/apropriação de conhecimentos caracterizado pela diversidade e pluralidade de enfoques teórico-metodológicos, pela multiplicidade de modos de atuação e de intervenção, pela interdisciplinaridade e pela reflexão crítica sobre os dilemas do cotidiano e das questões epistemológicas.

Bibliografia

ANDERY, A. Abib. (1980). Uma experiência de Psicologia Comunitária do Departamento de Psicologia Social da PUC/SP em Osasco, São Paulo. **Anais do I Encontro Brasileiro de Psicologia Social**. São Paulo: Abrapso. 31-38.

_____. (1986). Psicologia na comunidade. In: LANE, S. T. M. & CODO, W. (orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense.

BANCHS, María A. (1987). Las diferentes caras de la Psicología Social: sus objetos de estudios y sus doctrinas del hombre. **Boletim de Psicologia**. VI (24). 217-232.

_____. (1997). Corrientes teóricas en Psicología Social: desde la Psicología Social experimental hasta el movimiento construccionista. Caracas, Venezuela: **Cuadernos de postgrado**, N^o. 17.

BOMFIM, Elizabeth de M. (1989). Notas sobre a Psicologia Social e Comunitária no Brasil. **Psicologia & Sociedade**. IV (7): 42-46. Set.

_____. (1989/90). A Psicologia Social da Abrapso. **Psicologia & Sociedade**. V (8). 219-225. Nov./mar.

_____. (1991). **Psicologia Social no Brasil**: estudo da produção especializada publicada. Tese de Concurso a Professor Titular da FFCH da UFMG. Belo Horizonte.

CAMPOS, Regina H. F. (1988/89). História da Psicologia da Educação: reprodução da dominação ou reprodução da contradição? **Psicologia & Sociedade**. III (6). 47-63. Nov/ mar.

CAMPOS, Regina H. F. & GUARESCHI, Pedrinho A. (orgs.) (2000). **Paradigmas em Psicologia Social: a perspectiva Latino-americana**. Petrópolis: Vozes.

CODO, WANDERLEY. (1985). Ideologia: o ponto fundamental da discussão. **Psicologia, Ciência e Profissão**. 5 (1). 21.

DESLANDES, Keila. (1988/89). Psicologia Social em Minas: história e atualidade. **Psicologia & Sociedade**. III (6). 219-226. Nov./mar.

FARR, Robert M. (1998). **As raízes da Psicologia Social moderna**. Petrópolis: Vozes.

FREITAS, Maria de F. Q. (1996). Psicologia na comunidade, Psicologia da comunidade e Psicologia (Social) Comunitária - práticas da Psicologia em comunidade nas décadas de 60 a 90, no Brasil. In: CAMPOS, Regina H. F. (org.). **Psicologia Social Comunitária**: da solidariedade à autonomia. Petrópolis: Vozes.

GONZÁLEZ REY, Fernando (1997). **Epistemología cualitativa y subjetividad**. São Paulo: Educ.

KHOURY CARVALHO, H. T. T. (1988/89). Marxismo e Psicologia. **Psicologia & Sociedade**. III (6). 64-75. Nov./mar.

- KLINBERG, Otto. (1959). **Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 2v.
- _____. (1967). **Psicologia Social**. Lisboa: Fundo de Cultura, 1v.
- LANE, Silvia T. M. (1980). Apresentação. **Anais do I Encontro Brasileiro de Psicologia Social**. São Paulo: Abrapso, p. 67-71.
- _____. (1983). **O que é Psicologia Social** 4ª. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1985). Revendo a prática da Psicologia Social. **Psicologia, Ciência e Profissão**. 5 (1). 20-21.
- _____. (1986a). A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia. In: LANE, S. T. M., CODO, W. (orgs.) **Psicologia Social: o homem em movimento**. 4ª. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1986b). Psicanálise ou marxismo: dilema da Psicologia Social? **Psicologia & Sociedade**. I (2). São Paulo: Abrapso: 01-05. Out.
- _____. (1988/89). Questões teóricas e metodológicas em Psicologia Social **Psicologia & Sociedade**. III (6). p. 21-31. Nov./mar.
- _____. (1995). Avanços da Psicologia Social na América Latina. In: LANE, Silvia T. M. & SAWAIA, Bader B. (orgs.). **Novas veredas da Psicologia Social** São Paulo: Brasiliense/Educ.
- _____. (1996). Histórico e fundamentos da Psicologia Comunitária no Brasil. In: CAMPOS, Regina H. F. (org.). **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis: Vozes.
- LANE, Silvia T. M. & SAWAIA, Bader B. (1988). **Psicologia: ciência ou política?** São Paulo: Pré-Print - Educ.
- _____. (1991a). Psicologia: ciência ou política? In: MONTERO, Maritza (coord.) **Acción y discurso-problema de Psicología Política en América Latina** Venezuela: Eduven.
- _____. (1991b) Community Social Psychology in Brazil. **Applied Psychology: International Review**. 40 (2), p. 119-142.
- _____. (orgs.) (1995). **Novas veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense: Educ.
- MASSIMI, Marina. (1984). **Histórias das idéias psicológicas no Brasil em obras do período colonial**. Dissertação de Mestrado. São Paulo. USP.
- _____. (1987). As origens da Psicologia brasileira em obras do período colonial. **Cadernos PUC**. Nº 23. São Paulo: Educ, p. 95-117.
- MATA MACHADO, Marília N. da. (1988/89). Elementos para uma teoria de intervenção psicossociológica em favelas. **Psicologia & Sociedade**. III (6). 32-46. Nov./mar.

MONTERO, Maritza. (1994). Un paradigma para la Psicología Social. Reflexiones desde el quehacer en América Latina. In: MONTERO, Maritza (Coord). **Construcción y crítica de la Psicología Social**. Barcelona: Anthropos; Caracas: Universidad Central de Venezuela. 27-47.

_____. (1996). Paradigmas, corrientes y tendencias de la Psicología Social finisecular. In: **Psicología & Sociedade**, 8 (1). São Paulo: ABRAPSO, jan./jun., p. 102-119.

MUNNÉ, Frederic. (1982). **Psicologías Sociales marginadas**: la línea de Marx en la Psicología Social. Barcelona: Hispano Europea.

NADER, Rosa M. (1988/89). Uma reflexão epistemológica da Psicologia Social que estamos construindo. **Psicologia & Sociedade**. III (6). 76-80. Nov./mar.

OZELLA, Sergio. (1996). Os cursos de Psicologia e os programas de Psicologia Social: alguns dados do Brasil e da América Latina. **Psicologia & Sociedade**. 8 (1). 120-143. Jan./jun.

RODRIGUES, Aroldo. (1979). **Psicologia Social**. 8^a. Petrópolis: Vozes.

_____. (1985). Ciência e tecnologia a serviço do homem. **Psicologia, Ciência e Profissão**. 5 (1). 18-20.

SAWAIA, Bader B. (1987). **Consciência em construção no trabalho de construção da existência**. São Paulo. Tese de Doutorado. PUC/SP.

WIESENFELD, Ester & SÁNCHEZ, Euclides. (coords.) (1996). **Psicología Social Comunitaria**. Caracas: UCV, Dirección de Postgrado-Tropykos.

SUSANA INÊS MOLON

Rua São Leopoldo, 302 - Bairro Cassino

Rio Grande/RS

e-mail: susana.molon@furg.br